

NIA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA

13

APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

SET 2019

ISSN: 2183-0924

***A*PONTAMENTOS**

de Arqueologia e Património

13

SETEMBRO

2019

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação
Arqueológica – NIA**

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Setembro de 2019**

Volume: **13**

Capa: Imagem aérea de Santa Vitória
(Foto: José Pedro Machado)

Director: **António Carlos Valera**

ISSN: 2183-0924

Contactos e envio de originais:

antoniovalera@era-arqueologia.pt

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

O uso do acordo ortográfico está ao critério de cada autor.

ÍNDICE

EDITORIAL	07	Nelson Cabaço, Marina Lourenço e Rodrigo Banha da Silva O COMPASSO DO ESPAÇO DE NECRÓPOLE ROMANA DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO, LISBOA	47
António Carlos Valera, Ana Catarina Basílio e Tiago do Pereiro O PROJECTO SANVIT: UM NOVO CICLO DE INVESTIGAÇÃO NO RECINTO DE SANTA VITÓRIA (CAMPO MAIOR). OS RESULTADOS DA CAMPANHA DE 2018	09	Rui Pinheiro CASTELO DE MIRANDA DO DOURO. PRINCIPAIS DADOS DE UMA ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA NUMA PRAÇA FORTE DO NORDESTE TRANSMONTANO	55
Ana Catarina Basílio e Tiago do Pereiro O SÍTIO CALCOLÍTICO DE CORTE PIORNINHO 3 (SALVADA E QUINTOS, BEJA): NOTAS SOBRE A SUA OCUPAÇÃO E INTEGRAÇÃO NA PAISAGEM PRÉ-HISTÓRICA	19	Filipe Santos Oliveira PRODUÇÃO DE CACHIMBOS DE BARRO NA RUA DAMASCENO MONTEIRO (OLARIAS DE SÃO GENS), LISBOA: UM CONTRIBUTO PARA O SEU ESTUDO	67
Sarah Dalton and Ethan Selby LOOM WEIGHTS FROM CHALCOLITHIC AND EARLY BRONZE AGE PERDIGÕES (ALENTEJO, PORTUGAL)	27	Inês Simão, João Miguez e Ever Calvo TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NA RUA CAIS DO TOJO, Nº48-64, LISBOA. CONTRIBUTO PARA A EVOLUÇÃO DA FRENTE RIBEIRINHA LISBOETA	75
Lúcia Miguel A TRANSIÇÃO BRONZE FINAL – IDADE DO FERRO NA MARGEM DIREITA DO GUADIANA. O CASO DA BASE DE CABANA DA RIBEIRA DE S. PEDRO (BALEIZÃO)	35	Ana Rosa INFRA-ESTRUTURAS PORTUÁRIAS CONTEMPORÂNEAS NA FRENTE RIBEIRINHA DE LISBOA: O CASO DO QUEBRA-MAR IDENTIFICADO EM ALCÂNTARA	85
Lúcia Miguel, Pedro Albuquerque, Lucy S. Evangelista e Marina Lourenço TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NA NECRÓPOLE SIDÉRICA DE MÉRTOLA: RESULTADOS PRELIMINARES DAS SONDAGENS ARQUEOLÓGICAS	41		



EDITORIAL

O “Oásis”

No início de 2019 o Complexo Arqueológico dos Perdigões foi classificado como Monumento Nacional. Trata-se do primeiro recinto de fossos a merecer esta classificação em Portugal. É o mais recente resultado de duas décadas de um programa continuado de investigação liderado pela Era Arqueologia, o qual pôs em evidência a importância e potencial científico e patrimonial do sítio, hoje reconhecido nacional e internacionalmente.

Para este desfecho contribuíram igualmente o Esporão S.A., proprietário de mais de dois terços do sítio, assim como as muitas colaborações com instituições de investigação e ensino superior portuguesas e estrangeiras e o Estado português, através de financiamentos a projectos de investigação desenvolvidos nos Perdigões.

Tendo sido reconhecido numa intervenção de minimização de impactos em 1997, o recinto dos Perdigões é hoje uma reserva arqueológica, um “laboratório” para a investigação das sociedades do 4º e 3º milénios a.C. e um caso de referência na expressão do fenómeno dos recintos de fossos na Península Ibérica.

Um exemplo que urge seguir, num tempo em que a reconversão agrícola do Alentejo está a afectar drasticamente e a um ritmo muito acelerado este e outros tipos de património arqueológico.

António Carlos Valera

PRODUÇÃO DE CACHIMBOS DE BARRO NA RUA DAMASCENO MONTEIRO (OLARIAS DE SÃO GENS), LISBOA: UM CONTRIBUTO PARA O SEU ESTUDO

Filipe Santos Oliveira¹

Resumo:

No âmbito de uma intervenção arqueológica de diagnóstico na Rua do Damasceno Monteiro, nas proximidades do santuário da Nossa Senhora do Monte de Lisboa, foi identificado um contexto de descarte de subprodutos de olaria enquadrável cronologicamente entre os inícios do século XVII e os meados do século XVIII provavelmente associados às olarias modernas do “Mons Gens”.

Entre os materiais recolhidos encontra-se um conjunto de cachimbos de cerâmica comum, em diferentes estados de produção ou com claros defeitos de fabrico, compreendendo um dos primeiros casos conhecidos de manufactura destas peças em Lisboa.

Abstract:

Clay pipe production at Damasceno Monteiro street (São Gens potteries), Lisbon: a contribution for its study.

In the context of excavations at Rua Damasceno Monteiro, in proximity to Nossa Senhora do Monte sanctuary in Lisbon, an archaeological site connected with the discarding of pottery kiln waste and byproducts was identified, which was dated to the beginning of the seventeenth century to the middle of the eighteenth century and probably related to the potteries of “Mons Gens”.

Amongst the sherds recovered there is a set of earthenware smoking pipes, showing different stages of assembly or clear defects due to production mistakes. This represents one of the first known cases of evidence of production of these in Lisbon.

1. Introdução

O sítio da rua Damasceno Monteiro 11-13 foi intervencionado no decorrer de trabalhos de diagnóstico e avaliação do potencial arqueológico de um lote localizado nas imediações do santuário de Nossa Senhora do Monte em Lisboa. Os trabalhos corresponderam à abertura de três sondagens de diagnóstico permitindo identificar contextos de cronologia moderna e contemporânea.

2. Localização e biografia

A rua Damasceno Monteiro localiza-se entre os miradouros da Graça e de Nossa Senhora do Monte, na actual freguesia dos Anjos, numa área de declive acentuado na vertente sul da colina de santo André. Geologicamente, implanta-se sobre a formação “Argilas dos Prazeres”, a qual é composta por argilitos e calcários, formado por rochas com elevada componente carbonatada (Pais, 2016).

Historicamente a área em questão, conhecida como a colina de santo André, sempre se apresentou periférica em relação à cidade, sendo apenas mencionada documentalmente na sua conexão com eventos históricos, como o martírio de São Gens em 283 ou a presença de acampamentos cruzados durante o cerco de 1147 (Silva, 2010: 109). Com a medievalidade a construção do santuário de Nossa Senhora do Monte, localizada nas imediações dá algum enfoque ao local, mas a sua distância face à frente ribeirinha, centro político e económico da cidade, e a topografia acidentada da colina de Santo André dificultam o desenvolvimento da malha urbana. De facto, a cartografia e as vistas disponíveis, todas de período moderno, demonstram que o pouco urbanismo presente antes do século XIX se concentrava em torno do santuário de Nossa Senhora do Monte (Figura 1) e que a restante colina se encontrava desocupada.

Fora da esfera religiosa a outra menção ao local refere a presença de um conjunto de olarias conhecidas como “Monte de São Gens”, comumente agrupadas nas indústrias dos “Bairros Orientais” (Sebastian, 2010: 91-93), que terão laborado desde o século XVII até ao século XVIII

¹ Era – Arqueologia, S.A. filipeoliveira@era-arqueologia.pt

embora os fornos ou local de laboração não tenham ainda sido identificados com sucesso.

A ocupação que ali se verificou a partir desse momento apresentou um cariz superficial, marcada pela presença de armazéns e oficinas automóveis cuja construção teve um reduzido impacto no subsolo.



Figura 1 – Localização do sítio da Rua Damasceno Monteiro 11-13 num excerto da Carta Militar de Portugal 1:25000, folha 431.

3. O contexto

A intervenção consistiu na execução de sondagens de diagnóstico, com o objectivo de avaliar o potencial arqueológico e identificar contextos a afectar pelo empreendimento previsto para o lote. Neste sentido foram implantadas três sondagens, totalizando 222m², dispersas pela propriedade procurando-se uma leitura o mais completa possível.

O cariz abrangente das sondagens, correspondendo a quase 50% da área total do lote, e a natureza homogénea da ocupação identificada, com as mesmas realidades observadas em todo o terreno, permitiu organizar a sua história ocupacional em seis grandes momentos.

Na base (momento I) a própria encosta formada por sedimento silto-argiloso, compacto, de cor bege esverdeada de onde foram recuperados alguns vestígios de fauna malacológica fóssil, não apresentando evidências de ter sido antropizada.

Cobrindo esta realidade encontrava-se uma sequência de depósitos tendencialmente arenosos com grandes quantidades de cinzas, blocos de cerâmica rubefacta e refugo de produção oleira, podendo estar associados à utilização deste espaço para o descarte de lixos ou refugos de olarias localizadas nas imediações. Embora corresponda sempre a uma realidade de descarte foi-nos aqui possível identificar 4 momentos (II a V).

Num faseamento mais recente (IV momento) o início da urbanização do lote foi marcado pela construção do muro central da propriedade que serviu de base à construção dos edifícios que ocuparam o lote durante o século XX até à sua demolição em inícios do século XXI.

Assim, o elemento mais representativo desta intervenção foi o contexto moderno de vestígios de produção oleira em Lisboa consideravelmente bem preservado, e apresentando uma forte potência estratigráfica que atinge os 1.00m como medida média (Oliveira, Nunes, 2017).

Daqui foi recuperada quantidade considerável de cultura material cerâmica, que representa o principal elemento datante ali presente, permitindo atribuir ao sítio uma cronologia de período moderno, enquadrável entre os inícios do século XVII e os meados do XVIII. Por questões de clareza recorreremos, *grosso modo*, à proposta tipológica para produções cerâmica de período moderno ensaiada no I Encontro de Arqueologia de Lisboa (Bugalhão, Coelho, 2017).

O conjunto de materiais arqueológicos recuperados ultrapassou os 1200 indivíduos (N.M.I.), dos quais a larga maioria (cerca de 95%) foram recolhidos das unidades associadas aos descartes de produção oleira [104] a [109], [204] a [209] e [304] a [313]. Este acervo material apresenta composição diversa, mas onde dominam as produções de faiança portuguesa e chacota (+70%), sendo os exemplares de cerâmica vidrada ou comum residuais por comparação.



Figura 2 – Sondagem 2 (fotografias Filipe Oliveira).

	Forma	V momento		IV momento		III momento		II momento		Total	
		NMI	% NMI	NMI	% NMI	NMI	% NMI	NMI	% NMI	NMI	%NMI
Faiança	Prato	42	18,1	46	13,26	40	12,74	61	19,68	189	15,7
	Taça	40	17,24	39	11,24	35	11,15	46	14,84	160	13,3
	Covilhete	42	18,1	47	13,54	10	3,18	0	0	99	8,22
Chacota	Prato	41	17,67	47	13,54	70	22,29	59	19,04	217	18,03
	Taça	44	18,98	60	17,29	67	21,34	75	24,19	246	20,44
	Covilhete	0	0	38	10,96	0	0	1	0,32	39	3,24
	tampa	0	0	5	1,44	8	2,55	1	0,32	14	1,16
C. Comum	Fogareiro	1	0,43	1	0,29	2	0,64	0	0	4	0,33
	Frigideira	0	0	3	0,86	0	0	0	0	3	0,25
	Panela	7	3,02	12	3,46	17	5,41	9	2,9	45	3,74
	Testo	0	0	2	0,58	3	0,95	1	0,32	6	0,49
	Pote	1	0,43	7	2,02	5	1,6	6	1,94	19	1,57
	Cântaro	0	0	6	1,73	8	2,55	3	0,97	17	1,5
C. Comum Vidrada	Alguidar	5	2,16	9	2,59	11	3,5	6	1,94	31	2,57
	Penico	2	0,86	0	0	0	0	0	0	2	0,17
Porcelana	Prato	2	0,86	3	0,86	3	0,95	0	0	8	0,66
Azulejo		1	0,43	1	0,29	2	0,64	4	1,29	8	0,66
Elementos de produção	Trempe	2	0,86	7	2,02	12	3,82	17	5,48	38	3,16
	Caixas	2	0,86	5	1,44	6	1,91	8	2,58	21	1,74
Cachimbo		0	0	9	2,59	15	4,78	13	4,19	37	3,07
Total		232		347		314		310		1203 100	

Figura 3 – Dispersão quantitativa (NMI) e percentual das principais tipologias consoante o momento ocupacional.

Tipologicamente as faianças e chacota demonstram um claro enfoque nos serviços de mesa desde pequenos pratos de perfil raso a grandes pratos de perfil troncocónico covo (33.73%), junto com as grandes taças troncocónicas e as pequenas tigelas hemisféricas (33.74%), e os covilhetes de perfil troncocónico (11.46%) (Figura 3). Outras formas como as tampas, de perfil circular com pega ou polilobadas, são residuais (1.16%).

As temáticas decorativas observadas são características de todo o espectro crono-estilístico (Casimiro, 2012), sendo o principal elemento diferenciador entre os quatro momentos distinguidos nos aterros de olaria (II, III, IV e V).

Assim, os recipientes provenientes das unidades u.e.109, u.e.209, e u.e.314 correspondem aos mais antigos, datáveis do segundo quartel do século XVII (II momento). Estes apresentam as superfícies revestidas com um espesso e brilhante esmalte de estanho sobre o qual foi aplicada uma complexa decoração fitomórfica ou geométrica, onde se observam inúmeras espirais, em tom de azul-cobalto (Figura 4: 1 e 4: 2).

As peças recuperadas das unidades u.e.108, u.e.107, u.e.208, u.e.207, u.e.308 e u.e.307, já se enquadram na segunda metade do século XVII (III momento). As temáticas identificadas correspondem a pratos e taças decorados com motivos fitomórficos, como crisântemos, já misturados com temáticas orientalizantes, como aranhões e pêssegos. Algumas peças apresentam temáticas heráldicas como brações (onde a figura central dominante são os leões) representados ao centro (Figura 4: 3).

Os fragmentos oriundos das u.e.106, u.e.105, u.e.206, u.e.205 e u.e.306 e u.e.305 são enquadráveis nos finais do século XVII (III momento). Neste conjunto as temáticas observadas apresentam uma continuação daquelas observadas no conjunto anterior, com muitas peças a exibirem decoração com um forte cunho orientalizante, como aranhões, junto de pratos decorados com motivos de “desenho miúdo” em tom de azul cobalto e manganês (Figura 4: 4 e 4: 5).

Os recipientes recuperados da u.e.104, u.e.204 e u.e.304 inserem-se nos inícios do século XVIII (IV momento). As temáticas decorativas identificadas remetem para a “europeização” e simplificação da faiança portuguesa. Assim encontramos motivos de contas em azul-cobalto e manganês ou tema de rendas ao nível do bordo, junto com outros recipientes exibindo motivos de círculo concêntrico ou espirais ao centro (Figura 4: 6 e 4: 7).

Os exemplares de chacota exibem inúmeros defeitos derivados de problemas na cozedura ou na secagem do “banho” de estanho, com exemplares mostrando as superfícies danificadas, granuladas ou coladas a outros recipientes, ou erros em fases intermédias do processo decorativo, com as superfícies exibindo esboços a linhas pretas dos motivos a aplicar que não foram terminados.

Vestígios de produção oleira estão igualmente presentes com vários exemplares de caixas de enformamento ou cassetes (1.74%), e os cravilhos (3.16%) e separadores utilizados na cozedura das peças ali presentes em diferentes momentos da sua execução.

O restante conjunto cerâmico é formado pela cerâmica comum e produções de superfícies vidradas, com recipientes de cozinha como caçoilas, panelas (3.74%) e potes, junto com fogareiros, e acompanhado de produções de cariz utilitário como alguidares (2.57%) ou bispotes (0.17%).



Figura 4 – Amostragem da faiança: 1 e 2 – II Momento; 3 – III Momento; 4 e 5 – IV Momento; 6 e 7 – V Momento.

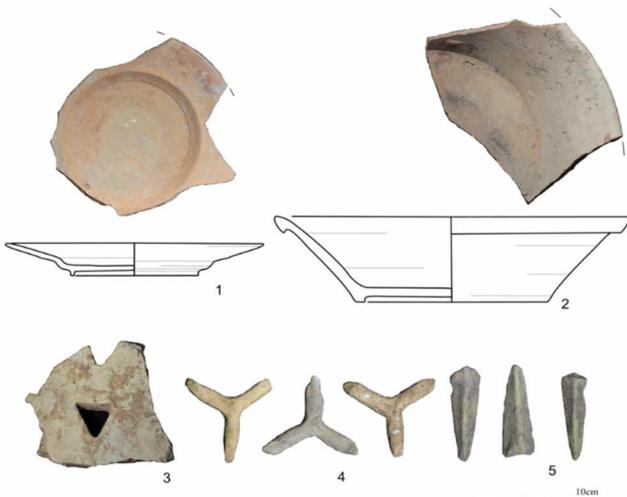


Figura 5 – Amostragem da chacota: 1 – Prato raso pequeno; 2 – Grande Taça; 3 – Fragmento de caixa de enformamento; 4 – Trempe; 5 – Cravilhos.

4. O objecto

De entre esta parafernália cerâmica foi recuperado um conjunto de cachimbos de barro, que formam o objecto deste estudo. A amostra, formada por 115 fragmentos, foi recuperada de entre os depósitos [306], [307], [308], [309] e [314], não se registando nenhum exemplar completo (Figura 6). Os fragmentos correspondem a 38 elementos de fonalha (33.04%), 40 a porções de haste (34.78%) e 37 a boquilhas (32.18%), o que corresponde a 38 indivíduos (N.M.I.).

As pastas utilizadas na sua produção são homogéneas e depuradas, apresentam coloração vermelha [2.5YR 7/6 ou 6/8] ou acastanhada [7.5YR 6/4], com a presença de elementos não plásticos quartzosos e micáceos, sendo macroscopicamente similares às observadas nas chacotas.

Morfologicamente os exemplares recolhidos mostram fonalha de perfil cónico, vazada e de bordo recto, a haste apresenta secção ovóide ou subcircular, terminando em boquilha de secção circular, com a extremidade proximal algo alisada. Alguns exemplares sob a fonalha mostram pedúnculo de perfil cónico.

Nas superfícies mostram tratamentos distintos, com alguns exemplares apresentando superfícies lisas, outros tratamento por brunimento e um caso particular com toda a sua superfície vitrificada. Nenhum exemplar mostra as superfícies decoradas ou marcas de produtor.

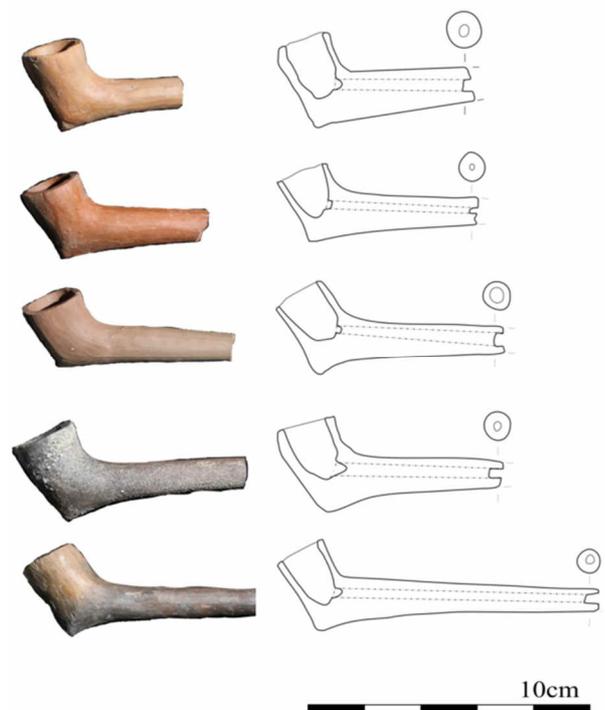


Figura 6 – Amostragem dos cachimbos.

Uma observação das peças permite inferir que a sua produção implicava a modelação manual do barro (e não o uso de moldes como nas produções norte-europeias), sendo a fomalha e a haste/boquilha produzidas em separado.

A fomalha corresponde a cone de argila vazado e cortado na base, no qual é feito um furo no ponto onde a haste será futuramente encaixada. A haste e boquilha aparentam ser produzidas via um rolo em barro que depois é vazado, podendo o furo ser mínimo (0.23mmØ) ou quase a totalidade do diâmetro da haste (0.48mmØ). Após a sua modelagem a haste é colada à fomalha com barro.

5. Discussão

As características formais do objecto de estudo levantam um conjunto de questões no que concerne à sua natureza e relação com o contexto de onde foram exumados.

Como já demonstramos a caracterização física e tipológica das peças aqui analisadas permite-nos identificá-las definitivamente como cachimbos.

O seu enquadramento cronológico no século xvii e xviii não é problemático, pois terá acompanhado a progressiva introdução do tabaco e dos seus hábitos de consumo pela sociedade portuguesa via o Brasil. O próprio o uso de cachimbo corresponde a uma importação da América, sendo uma das várias formas de consumir a planta junto com a mastigação das suas folhas ou a sua pulverização para o seu aspirar (Hadju, 2010: 178).

No entanto, o seu distanciamento formal face aos exemplares comuns ao Brasil, peças compósitas onde a uma fomalha cerâmica seria acrescentada uma haste e boquilha de material orgânico como osso ou madeira (Morales, 1999), demonstra que não se trataram de importações directas mas de uma reinterpretação do conceito básico do cachimbo mas numa forma totalmente cerâmica, com todas as vantagens e desvantagens que tal alteração apresentava.

No que concerne ao contexto de onde foi recuperado o objecto deste estudo, a sua natureza como um lixeira de descartes de olarias modernas parece-nos óbvia, sendo a materialidade dali recolhida, abordada previamente, marcada pela homogeneidade tipológica e formal (caixas de enforamento, cravilhos e separadores) comum a um contexto de produção oleira, e similar a outros sítios lisboetas como a Rua de Buenos Aires (Batalha, *et al.*, 2012), o Largo de Jesus (Cardoso, Batalha, 2017) e o Largo das Olarias (Castro, *et al.*, 2017).

Consideramos assim plausível que o contexto identificado na Rua Damasceno Monteiro 11-13, localizado directamente a sul do santuário de Nossa Senhora do Monte, esteja associado com as “olarias de São Gens”, sendo o repertório formal e suas cronologias consentâneas com o período de funcionamento atribuído a esta indústria pela documentação histórica (Sebastian, 2012).

A ausência de fornos ou de vestígios de áreas de laboração poderá ser explicada pela própria estratigrafia do local, cuja clara pendente para sul evidencia antes um ponto de despejo contínuo dos lixos de produção, das fornadas e recipientes defeituosos ou danificados e das limpezas ou remodelação dos fornos, formando-se assim os espessos depósitos de cinzas e chacota observados em todo o sítio. Acreditamos que as áreas de produção se situavam mais a norte, ou no ponto hoje pela rua ou nas áreas urbanizadas entre esta e o santuário.

A presença deste conjunto de cachimbos neste local estará assim conectada com a sua produção nestas mesmas olarias, hipótese corroborada pela observação dos vários exemplares exumados onde se vê claros defeitos de fabrico, como fissura na fomalha (Figura 7: 1), o destacar da fomalha da haste (Figura 7: 2) e o deformar ou estrangular da haste ou da boquilha aquando da sua modelação (Figura 7: 3 e 4), e na ausência de marcas de uso como o esbocelamento da boquilha (Figura 7: 6), a abrasão da haste (Figura 7: 5) ou marcas de fogo na fomalha (Figura 7: 7), o que demonstra que estas peças não foram alvo de uso continuado nem foram introduzidas nas redes de consumo.



Figura 7 – Exemplos de defeitos de fabrico: 1 – fissuras; 2 – destacar ou descolar de peças; 3 e 4 – estrangular ou deformar da peça; Ausência de marcas de uso: 5 – haste sem abrasão ou polimento; 6 – boquilha sem esbocelamento; 7 – fomalha sem marcas de fogo.

No entanto, a reduzida amostragem desta produção, 38 indivíduos (3.1%) ao longo de três momentos (II, III e IV), sobretudo quando comparada com as chacotas e faiança, poderá indiciar que se tratava de uma produção complementar, um aproveitar de recursos disponíveis por parte dos oleiros que ali trabalhavam. Esta situação não é inusitada, sendo que a entrada de subprodutos cerâmicos nas redes de consumo representaria uma fonte de rendimento extra e uma maneira de reduzir os prejuízos de uma fornada defeituosa (Oliveira, Silva, 2016). É curioso notar que situações similares não foram registadas nos outros contextos de produção oleira anteriormente referidos (Batalha *et al.*, 2012; Cardoso *et al.*, 2017; Castro *et al.*,

2017), o que poderá indicar que esta produção era exclusiva a este conjunto de olarias.

Do mesmo modo a ocorrência de outros elementos desta produção em contextos de Lisboa demonstra que não é um caso isolado, e que, de alguma forma, estas peças circularam e integravam o quotidiano das suas populações. Entre os casos conhecidos contam-se o contexto ribeirinho do Campo das Cebolas (Simão *et al.*, 2017), as estruturas hospitalares como o Hospital Real de Todos-os-Santos (Martins, 1988: 17-18), os sepultamentos do claustro do antigo Convento de Jesus (actual Academia de Ciências) (Cardoso, 2008: 277), ou um contexto habitacional de baixo rendimento no Beco das Barrelas (Oliveira, 2012), espelhando assim uma certa diversidade na sua distribuição.

No entanto, esta presença é tendencialmente minoritária, caracterizando-se por menos de uma dezena de fragmentos em contextos onde se observam exemplares de cachimbos de caulino importados de oficinas norte-europeias, peças com uma grande qualidade técnica, produzidas a molde a partir de pastas caulínicas brancas, que lhes atribuem grande dureza e a resistência térmica necessária para permitir a combustão do tabaco.

Com efeito, um observar do panorama arqueológico conhecido transparece um claro domínio das produções norte-europeias de cachimbos de caulino nos contextos lisboetas, de que são claros exemplos o castelo de São Jorge (Calado *et al.*, 2000), Palácio Marialva (Calado *et al.*, 2013), Mercado da Ribeira (Pinto *et al.*, 2011).

Perante este cenário podemos considerar que os cachimbos de cerâmica comum preenchiam um nicho na economia local, correspondendo a uma produção paralela feita a baixo custo pela olaria de “São Gens” sendo adquiridos por grupos de capacidade socioeconómica mais baixa, que não teriam acesso às produções de caulino norte-europeias.

6. Considerações Finais

O sucesso do tabaco na Europa durante o século XVI tornou a sua comercialização um negócio lucrativo, com a sua produção em larga escala a motivar a contínua expansão das potências europeias no continente americano.

Esta rápida adopção estaria alicerçada não só no seu cariz viciante mas também na crença do seu poder curativo, sendo usado por médicos e apotecários para tratar maleitas desde dores de cabeça a pneumonia e sífilis (Hajdu, 2010: 178), o que tornava o seu consumo um hábito social irremediável.

Com a sua rápida adopção assiste-se ao surgir de novos hábitos de consumo, como o rapé, ou adaptação de hábitos ameríndios mas com técnicas locais. Assim surgem as produções artesanais de cachimbos na Inglaterra, França e Países Baixos, que como mencionamos previamente se tornam o principal método de consumo de tabaco durante os séculos XVII-XVIII, sendo comumente representados em

produções artísticas (nomeadamente pintura flamenca) e estando amplamente presentes no registo arqueológico.

Os cachimbos de cerâmica comum identificados na rua Damasceno Monteiro 11-13 devem ser assim compreendidos como mais um elemento na história da adopção do tabaco na Europa, uma produção paralela de cariz local ou regional que devido à sua inferior qualidade, quer técnica como material, não se conseguiu estabelecer e vingar na difícil e competitiva economia mercantil dos séculos XVII-XVIII. A sua ausência dos aterros de olaria datáveis de meados do século XVIII poderá indicar que a produção foi eventualmente abandonada, quicá com a eventual disseminação das produções norte-europeias até junto dos estratos mais baixos da sociedade.

Referências Bibliográficas

- BATALHA, L.; CAMPÔA, A.; CARDOSO, G.; NETO, N.; REBELO, P.; SANTOS, R. (2012), “Vestígios de um centro produtor de faiança dos séculos XVII e XVIII. Dados de uma intervenção arqueológica na Rua de Buenos Aires, n.º 10, Lisboa”. In: Teixeira, A.; Bettencourt, J. (ed.) *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, p. 951-962.
- BUGALHÃO, J.; COELHO, I. (2017), “Cerâmica moderna de Lisboa: proposta tipológica”, I *Encontro de Arqueologia de Lisboa - Uma cidade em escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*, CAL-CML, Lisboa, p.106-145.
- CALADO, M.; PIMENTA, J.; FERNANDES, L.; MARQUES, A. (2013), “Os cachimbos cerâmicos do Palácio Marialva”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 16, p.383-392.
- CALADO, M.; PIMENTA, J.; SILVA, R. B. da, (2003), “Cachimbos de cerâmica provenientes da escavação do Caminho da Ronda do Castelo de São Jorge em Lisboa”, *Património Estudos*, nº5.
- CARDOSO, G.; BATALHA, L. (2017), “Evidências de produção oleira dos finais do século XVI a meados do século XVII no Largo de Jesus (Lisboa)”, In: Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira, I.; Silva, R.B. (ed.) *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma cidade em escavação (Teatro Aberto 26, 27 e 28 de Novembro de 2015)*, p.147-181.
- CARVALHO, L. M.; WASTERLAIN, S. (2017), “A minha boca conta uma história: Abrasão dentária e a sua relação com actividade e hábitos pessoais numa amostra portuguesa de época medieval/moderna”, *Arqueologia em Portugal: 2017 - Estado da Questão*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, p.1469-1477.
- CASIMIRO, T. (2013), *Faiança portuguesa: datação e evolução crono-estilística*, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol.16, p.351-366.
- CASTRO, A.; PAULA, N.A.; TORRES, J.B.; CURADO, T.; TEIXEIRA, A. (2017), “Evidências de produção oleira nos séculos XVI e XVII no Largo das Olarias, Mouraria (Lisboa)”, In: Arnaud, J.M.; Martins, A. (coord), *Arqueologia em Portugal: 2017 – Estado da Questão*, p.1731-1749.
- HADJU, S.; VADMAL, M. (2010), “A Note from History: The Use of Tobacco”, *Annals of Clinical & Laboratory Science*, vol. 40, no. 2.
- OLIVEIRA, F. (2012), *Espólio de Idade Moderna, proveniente do Beco das Barrelas, Alfama, Lisboa*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, FCSH-UNL.
- OLIVEIRA, F., NUNES, T. (2017), *Relatório: Sondagens de diagnóstico na Rua Damasceno Monteiro 11-13*, Lisboa . Projecto nº 1737.17. ERA Arqueologia S.A.
- OLIVEIRA, F.; SILVA, R. (2016), “Comercialização de subprodutos do fabrico de faiança: o caso do Beco das Barrelas (Lisboa)”, in:

- Gomes, R., Casimiro, T., Gomes, M. (coord), *Proceedings of the First International Conference of Portuguese Faience (16th – 19th century)*, IAP, p.39-48.
- PAIS, J., MONIZ, C., CABRAL, J., CARDOSO, J., LEGOINHA, P., MORAIS, M., LOURENÇO, C., RIBEIRO, M., HENRIQUES, P., FALÉ, P. (2006), *Notícia explicativa da folha 34-D, Lisboa*, Instituto Nacional de Engenharia Tecnologia e Inovação. Lisboa.
- PINTO, M., IOLA, F., MIGUEL, L., (2011), “Os cachimbos de caulino provenientes do Mercado da Ribeira: contributo para a história sócio-económica da Lisboa Moderna”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 7, Lisboa, NIA-ERA, p.41-48.
- SEBASTIAN, L. (2010), *A produção oleira de Faiança em Portugal (séculos XVII-XVIII)*, Dissertação de Doutoramento em História com variante de Arqueologia, FCSH-UNL.
- SILVA, C. (2008), *Lisboa Medieval – A organização e a estruturação do espaço urbano*, Edições Colibri, Lisboa
- SIMÃO, I.; MIGUEZ, J.; MACEDO, M.; FREITAS, T.; FONSECA, C; BETTENCOURT, J. (2017), “Da Ribeira Velha ao Campo das Cebolas. alguns dados sobre a evolução da frente ribeirinha de Lisboa”, *Arqueologia em Portugal: 2017 - Estado da Questão*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, p.1901-1913.

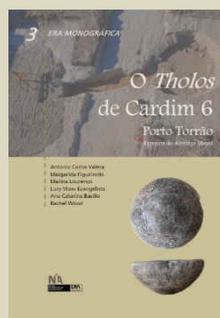
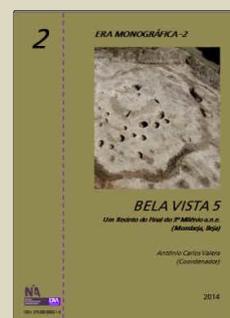
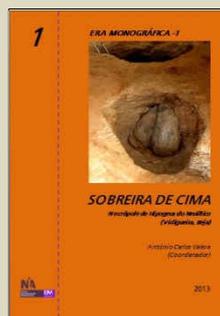
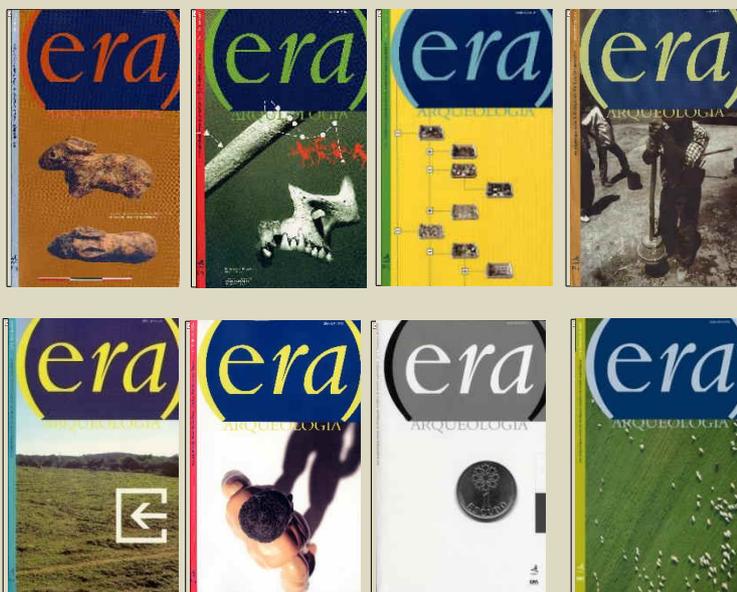
OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA

Série ERA Monográfica

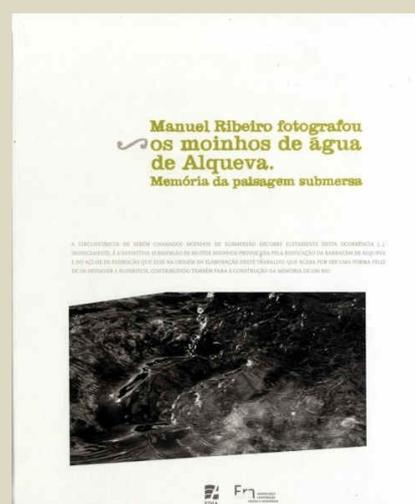
Três volumes publicados

Série ERA Arqueologia

Oito volumes publicados entre 2000 e 2008



Livro de fotografias de Manuel Ribeiro sobre os moinhos de água de Alqueva



“Holocénico [o blog]” de António Valera

Textos sobre produção de conhecimento, património, arqueologia e o seu ensino e profissão.

ERA Arqueologia S.A.
Calçada de Santa Catarina, 9C
1495-705 Cruz Quebrada
- Dafundo

www.era-arqueologia.pt
geral@era-arqueologia.pt
nia@era-arqueologia.pt